casadesarmento
centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A POESIA E A ARQUEOLOGIA.

VITERBO, Sousa

Ano: 1900 | Número: 17a

Como citar este documento:

VITERBO, Sousa, A poesia e a arqueologia. *Revista de Guimarães,* Volume especial, 1900, p. 80-81.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

A POESIA E A ARCHEOLOGIA

Existe uma grande affinidade entre a Poesia e a Archeologia, e alguns dos nossos archeologos foram primitivamente poetas; dedilharam primeiramente a lyra antes de manejarem os instrumentos exploradores, balbuciaram a linguagem das musas antes de interpretarem os arabescos das inscripções.

Alexandre Herculano, o mineiro da Historia Portugueza, o que arrancava o metal dos mais entranhados filões para os fundir depois no bronze da sua prosa esculptural, foi o sublime cantor da *Harpa do Crente.*

Effectivamente o estudo do passado levanta no nosso espirito, por mais frios e impassiveis que sejamos, um mundo de idéas repassadas de saudade. Desfilam a nossos olhos deslumbrados visões mysteriosas; como que vêmos passar as raças extinctas, que apresentam ao nosso exame os vestigios da sua civilisação. Dir-se-ia a revista nocturna phantasiada pelo poeta. Parece que assistimos com Carlos Magno ao desfilar dos seus paladinos, ou com Napoleão á continencia da sua guarda imperial.

Martins Sarmento tambem iniciou a sua carreira litteraria por um livro de versos. Ouvi dizer que elle se envergonhava d'essa tentativa quasi infantil e que procurava rehaver todos os exemplares que ainda andavam dispersos. Não sei o que haja de verdade n'esta lenda. Eu nunca vi producções poeticas de Martins Sarmento, mas ainda que ellas se traduzissem por uma fórma indecisa e frouxa, haviam forçosamente de revelar um profundo sentimento innato. Quem tanto amava as ruinas, quem tinha por ellas um culto tão extremoso, era poeta por natureza, era um sacerdote da religião do bello. A sua existencia laboriosa, consagrada inteiramente ao estudo do passado, é a prova evidente de que a sua imaginação pairava n'um mundo superior, indifferente ás pequeninas coisas, que fazem o contentamento e a gloria de tanta vulgaridade balofa.

Não tive tambem a satisfação de conhecer pessoalmente Martins Sarmento, mas, pelo que tenho ouvido a pessoas insuspeitas, era não só um cavalheiro correctissimo, mas um caracter de finos quilates, uma alma de tempera pouco vulgar. Sensivel, delicado, eu não duvidaria de affirmar que Martins Sarmento possuia um organismo poetico, embora o seu talento de versejador não estivesse á altura das suas faculdades sentimentaes e meditativas.

Os seus estudos archeologicos, embora fundidos nos moldes da sciencia, são outras tantas elegias do passado, cordas d'uma lyra, onde vem suspirar as gerações extinctas.

Lisboa, 20 de janeiro de 1900.

Sousa Viterbo.